

## **A arte rupestre no contexto megalítico Norte-Alentejano**

*Jorge de Oliveira*

Os conjuntos clássicos de arte rupestre até agora conhecidos no distrito de Portalegre resumiam-se às gravuras do vale do Tejo e aos abrigos pintados da Esperança. Recentemente, Margarida Ribeiro identificou um novo abrigo com pinturas esquemáticas, em formações quartzíticas no concelho de Marvão e Clara Oliveira, durante os trabalhos de prospecção levados a cabo na Coudelaria de Alter, identificou igualmente, em afloramentos graníticos, junto a um habitat e a um dólmen vários afloramentos graníticos onde, para além das vulgares "cavinhas", se reconhece um singular bloco da mesma rocha no qual são visíveis representações astrais e alguns, quase imperceptíveis, serpentiformes. Também, em Vidais, no concelho de Marvão, Miguel Correia localizou outro afloramento granítico com presença de "cavinhas". Se excluirmos os vários monumentos megalíticos (antas e menires) do distrito de Portalegre e a rocha decorada na Herdade do Torrão, em Elvas, onde ocorrem com alguma frequência "cavinhas" e serpentiformes são estes os locais onde até agora se identificou "arte rupestre" neste distrito. Porque ainda em estudo, não iremos neste breve artigo abordar os arqueossítios identificados, respectivamente, por Clara Oliveira, Margarida Ribeiro e Miguel Correia. Importa-nos, sobretudo, compreender a sua relação temática e espacial com as manifestações megalíticas conhecidas neste distrito.

Conhecem-se, neste momento, informações para mais de seiscentos e cinquenta sepulcros megalíticos e mais de uma vintena de menires no distrito de Portalegre. A sua distribuição espacial, como temos vindo a escrever noutros locais, apresenta-se de forma descontínua e expressa-se em manifestações arquitectónicas distintas. Em trabalhos anteriores tentámos compreender a descontinuidade da mancha megalítica e interpretar as diferentes expressões arquitectónicas reconhecidas. Neste artigo tentaremos pôr em diálogo as manifestações de arte rupestre conhecidas com a mancha megalítica, especialmente a de características funerárias.

É hoje assunto mais ou menos pacífico que a maioria dos sepulcros megalíticos desta região apresentam uma longa duração funcional. Ao longo de todo o Neolítico e prolongando-se até aos finais da Idade do Bronze construíram-se e mantiveram-se em utilização sepulcros do tipo dólmen. As recentes descobertas na anta da Horta, em Alter do Chão, ou os depósitos funerários da Idade do Bronze, na Anta da Bola da Cera, em Marvão, não deixam margens para dúvidas, se algumas ainda existiam. Por outro

lado, as datas muito antigas obtidas em vários monumentos megalíticos, sobretudo de corredor curto, na Bacia do Sever evidenciam como desde os alvares do Neolítico a construção de sepulcros colectivos foi uma realidade, pelo menos nesta região. A tumulação colectiva em sepulcros constituídos por uma câmara e um corredor, podendo este ser mais, ou menos funcional, evidencia uma tradição que se prolonga por quase três milénios, mantendo-se incólume à chegada de novas gentes e novas tecnologias. A essência do megalitismo funerário, tumulação colectiva em espaço definido por monólitos de maior ou menor dimensão, conseguiu, pelo menos nesta região, sobreviver ao longo de vários milénios com insignificantes variações arquitectónicas. As modernidades e as novas influências externas revelam-se, especialmente, nos conjuntos artefactuais, embora também nestes se tenham mantido sempre elementos do substrato cultural original. O Megalitismo revela-se, assim, como uma manifestação profundamente enraizada no inconsciente colectivo destas comunidades que é transmitido de geração, em geração e cuja essência conseguiu sempre sobreviver aos avanços técnicos e aos contactos com o exterior. Assimilando e adaptando novos grafismos algumas expressões rituais revelam-se com pequenas variações sobre o tema de sempre, a tumulação colectiva.

Ainda muito marcados pelo hiper-difusionismo de Eliot Smith e sobretudo estigmatizados pela "Religião Megalítica" proposta por Gordon Child, todos os que nos finais do século XX temos estudado esta temática evitamos, de alguma forma, falar das diversas expressões megalíticas como um conjunto de rituais emergentes de um fundo religioso comum às primeiras comunidades agro-pastoris. Mas se não se trata de um fundo religioso qual seria então o fundo que conseguiria sobreviver tantos milénios e arrastar comunidades afastadas entre si por milhares de quilómetros? Nos nossos dias, onde a globalização é uma realidade, será fácil congregar milhares, e por vezes milhões de pessoas em torno de um ideal. Contudo a sua duração é, praticamente, momentânea e fugaz. Se olharmos para os tempos históricos apenas religiões bem estruturadas conseguem arrastar grandes massas de gentes e sobreviver por longos tempos. Estes longos tempos, ainda que sempre proporcionais à velocidade do tempo em que ocorrem, deixam bem evidente que uma manifestação que sobrevive por cerca de três milénios, entre o Neolítico e a Idade do Bronze, é uma expressão de muito longa duração, só possível se alicerçada num substrato religioso profundamente enraizado no inconsciente colectivo.

Se aceitarmos que as expressões megalíticas conhecidas são apenas uma parte da cenografia produzida pelo ambiente mágico e religioso das primeiras comunidades agrícolas, que sobrevive ao longo muitas gerações, não será de estranhar que estas representações possam desenhar-se de diferentes formas. A emergência das manifestações artísticas esquemáticas e o seu afastamento dos estilos e técnicas anteriores cuja transição ainda não está suficientemente explicada, enquadra-se no mesmo ambiente cronológico e espiritual das primeiras manifestações tradicionalmente denominadas por megalíticas. O esquematismo das representações pintadas, ou gravadas, conhecidas em grutas, abrigos, ou ar livre é explicitamente próximo estilisticamente, das representações esculpidas, pintadas, ou gravadas que se reconhecem, quer nos elementos arquitectónicos, quer no mobiliário identificado no interior dos espaços funerários megalíticos. A pequena figura zoomorfa identificada na Anta da Tapada de Matos, em Castelo de Vide, encontra claro paralelo com as representações, igualmente zoomorfas, dos abrigos pintados de Arronches, situados a curta distância. Todo o esquematismo patente nos motivos pintados nos quatro abrigos de Arronches, ou no recente abrigo descoberto em Marvão, encontram paralelo, quer na temática da arte gravada identificada por Primitiva Bueno e Rodrigo Balbin em esteios de xisto dos dólmenes de Alcântara, quer no esteio granítico da Anta da Huerta de las Monjas, em Valência de Alcântara, monumentos megalíticos situados na área envolvente da Serra de S. Mamede. As várias sequências de puntiformes pintados nas superfícies quartzíticas dos abrigos de Arronches, ou do de Marvão poderão, eventualmente, ter o mesmo significado das enigmáticas "covichas" conhecidas um pouco por toda a parte, associadas a antas e menires. Ainda que não tenham sido identificados, nesta região, esteios de antas totalmente pintados como os que se conhecem, noutros locais do País, há nítidos sinais que alguns sepulcros megalíticos do Norte-Alentejano teriam, originalmente, apresentado a face interna decorada por pinturas. Um dos esteios da câmara da Anta da Horta, em Alter do Chão e dois dos esteios da Anta da Cabeçada, em Marvão, porque se apresentavam tombados para o interior conservaram, ainda, ténues restos de pinturas de cores negra, laranja e vermelha. Embora não seja possível identificar os temas e estilos, eles não deveriam afastar-se muito dos que são conhecidos noutros monumentos funerários, reforçando, assim, a aproximação à gramática pictórica identificada nos

abrigos de Arronches. No espaço do "Santuário Pré-histórico do Reguengo", em Alter do Chão, identifica-se uma rocha granítica singularmente colocada no interior do recinto, onde uma representação solar raiada, aproveitando um nódulo da própria rocha, parece dominar todo o restante conjunto. Este "santuário", em fase de escavação, situa-se a escassos cinquenta metros da Anta da Horta e de um habitat neolítico. A representação solar raiada de Alter encontra paralelo gráfico nas representações solares identificadas em, pelo menos, dois dos abrigos de Arronches e nos olhos solares de vários ídolos-placa megalíticos.

O outro grande núcleo de arte rupestre localizamo-lo na bacia do Tejo, gravado nas formações xistosas e grauváquicas que bordejam o grande rio. Mas este notável conjunto prolonga-se também um pouco para sul junto à foz do Sever. Ocorrem, ainda, outros painéis já em cotas mais elevadas, no interior do território. De entre estes núcleos, já um pouco afastados do grande rio, haverá que ressaltar o que localizámos a escassos dois quilómetros de Herrera de Alcântara. Em todos eles a figuração esquemática e sub-esquemática é uma constante. Antropomorfos, zoomorfos, "cavinhas", figurações geométricas tais como círculos concêntricos, espirais e linhas, associam-se a representações solares. Diferentes técnicas de gravação foram utilizadas sobre as superfícies polidas das rochas. Também neste vasto conjunto podemos compreender diferentes fases, à semelhança do que ocorre nos abrigos pintados de Arronches. Na arte gravada do Tejo, como nas pinturas de Arronches, múltiplas gerações aí expressaram os seus sentimentos. Desde os tempos das primeiras comunidades de pastores e agricultores até à Idade do Bronze as rochas xistosas do Tejo e os quartzitos da Serra de S. Mamede serviram para perpetuar a presença dos que por estas paragens deambularam.

Se sobrepusermos a carta de distribuição de monumentos megalíticos sobre a que comporta os registos de arte rupestre no distrito de Portalegre verificamos que os sítios onde estes ocorrem apresentam uma correspondência directa com as estratégias que parecem ter presidido à selecção dos espaços para a construção das manifestações megalíticas e que, embora na presença de um número limitado de informações, correspondem, também, aos espaços de habitat dos construtores de megálitos. Parece haver, assim, uma sintonia demasiado evidente entre habitats, monumentos megalíticos e testemunhos com arte rupestre nesta região norte alentejana, que administrativamente corresponde ao distrito de Portalegre. Este distrito é delimitado a Norte pelo Rio Tejo, a Oriente pela Espanha, a Sul pelos terrenos aplanados dos concelhos de Estremoz, Arraiolos e Mora, já no distrito de Évora e a Ocidente pelas terras de areia do distrito de Santarém. Se analisarmos a distribuição dos monumentos megalíticos desta região, porque em grande número, perto de setecentos, verificamos que o seu mapeamento apresenta manchas de forte concentração e espaços onde nenhuma manifestação se conhece. A ausência de testemunhos megalíticos parece não resultar de falta de prospecções sistemáticas, nem de destruições maciças.

O distrito de Portalegre é marcado do ponto de vista orográfico pela Serra de S.Mamede. Com uma cota máxima de 1025 metros, o pico de S. Mamede é o ponto mais alto a Sul do Rio Tejo. Envolve este pico uma cordilheira montanhosa que se orienta, genericamente no sentido Noroeste - Sudeste, cuja cota média ronda os seiscentos metros de altitude. Para norte, até ao Rio Tejo, os terrenos vão-se suavizando até se voltarem a enrugar, sobretudo nos vales cavados onde correm linhas de água tributárias do grande rio. Para Sul e Sudeste, a descida altimétrica é mais acentuada para se estabilizar na cota média dos 300 metros, que marca a peneplanície que se abre nos concelhos de Monforte, Arronches, Campo Maior e Elvas. Para Ocidente o enrugamento orográfico prolonga-se até ao concelho de Castelo de Vide, ainda em cotas de 500 a 600 metros para se começar a diluir pelos concelhos de Nisa, Crato, e Alter do Chão, ainda em cotas de 300 metros. Mais para Ocidente e Sudoeste, em terras da Ponte de Sôr, Avis, Sousel e Fronteira, a influência da Serra de S. Mamede é praticamente nula. Os terrenos são mais aplanados, com cotas médias estabilizadas entre os 150 a 250 metros, já muito influenciados pelas formações recentes condicionadas pela bacia do médio Tejo.

É neste ambiente que teremos que compreender a continuidade e as rupturas da mancha megalítica do Distrito de Portalegre e ao mesmo tempo as expressões de arte rupestre. Atendendo ao mapa geral de distribuição de testemunhos da pré-história recente denotam-se, de imediato, duas grandes manchas onde a ausência é marcante. A primeira corresponde ao maciço central da Serra de S.Mamede. A segunda estende-se a Ocidente pelas terras de areia que se iniciam a Sul do Gavião e se prolongam por

praticamente todo o concelho da Ponte de Sôr. No primeiro caso, verifica-se que acima dos 550 metros de altitude não ocorrem testemunhos pré-históricos. Trata-se de uma região suficientemente prospectada, onde, para além da ausência de vestígios pré-históricos também e até ao século XVIII poucos arqueossítios foram registados. Corresponde à zona mais acidentada, com fortes pendentes e que devido à altitude apresenta invernos muito rigorosos. Com base nos documentos escritos, até aos inícios do século XIX, sabemos que o coberto vegetal era extremamente denso e praticamente impenetrável. Por outro lado, apresenta, maioritariamente, solos de classe D e E, onde a actividade agrícola é quase nula. Com um coberto vegetal impenetrável, invernos rigorosos e fortes pendentes, também a pastorícia estava muito limitada. Parece, assim, explicar-se a ausência de presença humana antiga nas cotas mais altas da Serra de S. Mamede.

A outra grande área (Gavião - Ponte de Sôr) onde se constata uma reduzida incidência de testemunhos pré-históricos a sua explicação parece ser mais problemática. Embora já tenham sido desenvolvidas várias campanhas de prospecção por estas terras de areia, que pouca informação revelaram, torna-se difícil de entender as razões para esta significativa ausência, sobretudo de monumentos megalíticos. Poder-se-á argumentar que se trata de solos sem aptidão agrícola, o que levaria à sua não ocupação por comunidades que da terra tiravam o seu sustento. Contudo, incluem-se na mesma categoria os que bordejam, a Norte, no concelho de Nisa e Gavião, o Rio Tejo, mas estes encontram-se polvilhados de pequenos monumentos megalíticos e é nas margens do Tejo que se localizam os importantes núcleos de arte rupestre. Poder-se-á, então, argumentar que a ausência de pedra nos terrenos de areia do concelho de Ponte de Sôr terá inviabilizado a preservação das memórias que noutros locais se conservaram. Esta explicação não nos parece, no entanto, totalmente aceitável, sobretudo para explicar a ausência de sepulcros megalíticos. Embora os solos de Nisa, Gavião e os da Ponte de Sôr se encontrem classificados, do ponto de vista agrícola, na mesma categoria, notoriamente, os deste último concelho, são mais leves e drenados do que os que bordejam o Tejo. Assim, perante a tecnologia agrícola das comunidades neolíticas, seria preferível a utilização destas terras às de solos quase esqueléticos da zona Norte nas margens do Tejo. Contudo, não nos parece plausível que estas comunidades não se tivessem estabelecido aqui, unicamente, porque as rochas duras estão ausentes. Mais difícil se torna aceitar esta hipótese quando verificamos que, um pouco mais a Sul, ainda no concelho de Ponte de Sôr, mas na freguesia de Montargil, se conheçam vários monumentos megalíticos funerários, e até vários menires, implantados numa pequena mancha de rochas duras e onde também estão presentes manifestações de arte rupestre traduzidas por concentrações de covinhas gravadas sobre os menires tombados. Não nos parece, deste modo aceitável, que numa tão grande mancha de solos de areia, onde os vales mais irrigados são hoje intensamente aproveitados agricolamente, não tivesse havido ocupação humana durante a pré-história recente. Se de facto, todos reconhecemos que se torna muito difícil identificar habitats deste período e que até agora, praticamente têm sido os monumentos funerários os indicadores de presença humana das primeiras comunidades agrícolas, haverá que promover novas prospecções nesta região, procurando uma outra variante megalítica que, atendendo ao substrato geológico, não será, seguramente, caracterizada pela utilização de grandes pedras como, até agora nos habituámos a ver, pelo menos, no Alentejo. A inexistência de rochas à superfície nesta região terá obrigado as comunidades aqui estabelecidas a optarem por outra arquitectura funerária, provavelmente mais frágil, ou menos monumental e até agora ainda não identificada. Haverá que procurar vestígios de outra forma de tumulação, provavelmente em fossa, coberta por um tumulus formado por calhaus rolados, matéria-prima que abunda por toda esta região. Os investigadores que ao longo dos tempos e até recentemente se têm debruçado sobre esta região, provavelmente não despertos para esta possibilidade, assim como as profundas lavouras que nos últimos anos aqui se têm feito sentir, diluindo pequenas alterações na paisagem, terão contribuído, para que hoje, no mapeamento dos testemunhos pré-históricos do distrito de Portalegre as terras de areias sejam apresentadas quase em branco.

Continuando a analisar o mapa geral de distribuição de megálitos e de arte rupestre no distrito de Portalegre, constatamos que ocorrem, pelo menos, mais três zonas, ainda que menos evidentes, para as quais não existem informações. Trata-se de partes dos concelhos de Alter do Chão, Avis, Campo Maior e Elvas. Contudo, em qualquer destes concelhos, se exceptuarmos o de Campo Maior, verificamos que

noutras zonas dos mesmos municípios, localizam-se grandes concentrações de monumentos megalíticos, alguns de grandes dimensões e manifestações de arte rupestre. Sobrepondo a carta de distribuição de testemunhos da pré-história recente sobre a de solos, verificamos que as manchas com ausência de testemunhos pré-históricos coincidem com as terras com melhor aptidão agrícola (solos de classe A e B) e, ao mesmo tempo, onde as rochas duras estão ausentes. Parece, então, depreender-se desta verificação que as primeiras comunidades agricultores e pastores rejeitaram, claramente, os solos mais pesados e argilosos, quer pela dificuldade de movimentação que apresentariam durante os invernos mais pluviosos, quer pela sua forte compactação na época de estio. A tecnologia agrícola destas comunidades tornava-se inoperante perante esta variedade de solos. Se somarmos a esta realidade uma menor presença de rochas duras, poderemos, provavelmente, encontrar, na conjugação destas realidades a explicação para a ausência de ocupação humana e a consequente e normal inexistência de megálitos e de arte rupestre.

Resulta desta demonstração que os solos de classe A e B, assim como, as cotas mais elevadas da Serra de S.Mamede, terão sido rejeitados pelas primeiras comunidades de camponeses.

Até há pouco tempo a visão que se tinha do megalitismo da zona norte do Alto Alentejo resumia-se às grandes antas, formadas, maioritariamente, por esteios de granito, definindo uma câmara poligonal regular e um corredor mais ou menos alongado. Contudo, nos últimos anos, outros monumentos desta região têm merecido a atenção dos arqueólogos. Reportamo-nos aos levantamentos de João Caninas e Francisco Henriques, na região de Nisa e aos trabalhos de escavação que temos efectuado nalguns desses sepulcros e em menires dos concelhos de Marvão, Castelo de Vide e Cedillo. A partir destes estudos começou a ser noticiada uma outra realidade do megalitismo funerário, até aí quase completamente esquecida. Referimo-nos às pequenas sepulturas obtidas com lajes de xisto organizadas em grandes necrópoles que coroam as principais linhas de cumeada que se elevam sobre as linhas de água directamente tributárias do Tejo.

Trata-se, maioritariamente, de estruturas dolménicas em forma de saco sem uma clara diferenciação entre a câmara e o corredor, quer em planta, quer em alçado. Formadas, por norma, por múltiplos esteios, onde, nem sempre se destaca um de cabeceira. Eram guarnecidas por uma mamoa formada por pequenas lajes de xisto e revestida por blocos de quartzo leitoso. Pelas pequenas dimensões dos seus esteios, de fácil transporte e montagem, pelas características dos solos onde se implantam e pela especificidade dos artefactos fúnebres, temos vindo a defender, em trabalhos recentes, que os construtores destes pequenos sepulcros teriam desenvolvido uma economia assente, maioritariamente, na pastorícia o que contribuiu para uma vivência pouco sedentária e portanto incapaz de congregar um número avultado de pessoas que a construção de um dólmen de grandes, ou mesmo médias dimensões obrigava.

Procurando neste distrito outros paralelos para esta realidade encontramos-os nas imediações de Monforte no sítio da Rabuje, em Arronches, nas quase desaparecidas antas da Herdade de Portugal, perto de Montargil, nas margens do Guadiana a Sul de Elvas e a nascente de Sousel. Em qualquer destes locais os solos têm pouca aptidão agrícola (Classe D e E) e a pastorícia ainda há pouco tempo marcava presença.

Pelo contrário, em solos maioritariamente de classe C e também nalguns de classe D, leves e bem drenados, encontram-se os monumentos de maior dimensão e que marcam, sobretudo pela sua volumetria e riqueza de espólios a visão tradicional que se tem do Megalitismo Alentejano.

Considerando o investimento em energia necessário à construção destes sepulcros só comunidades sedentárias, dependendo maioritariamente da agricultura, ainda que secundadas pela caça e pastorícia, poderiam organizar-se e disponibilizar várias dezenas de homens, quando não mais de uma centena, para cortarem, transportarem e montarem blocos de pedra, alguns pesando mais de uma dezena de toneladas.

Também e nestes monumentos encontramos uma panóplia de materiais, dos quais se destacam os objectos de adorno e os talhados em sílex, sinal claro da capacidade de produção de excedentes compatível com a elite que os acompanhava e da capacidade de troca a longa distância que a presença destes artefactos implicou. Paralelamente, e ao contrário do que ocorre nos pequenos monumentos de xisto, a presença abundante de recipientes de cerâmica e de elementos de mó, artefactos directamente relacionados com as comunidades agrícolas, parece confirmar a nossa interpretação.

Assim sendo, parece que a diversidade arquitectónica que se evidencia nos monumentos do distrito de Portalegre resulta mais da maior, ou menor capacidade para congregar a força necessária à construção dos monumentos do que da matéria-prima em que foram construídos.

Com raras excepções verifica-se que a matéria-prima utilizada na construção dos sepulcros corresponde ao substrato geológico onde se implantam. Existem, contudo, alguns casos em que os construtores destes monumentos optaram pela incorporação de esteios, ou coberturas obtidos a, por vezes, quase uma dezena de quilómetros de distância. Como exemplo desta situação registre-se a Anta dos Pombais, situada em solos xistosos das margens do Sever, formada por esteios extraídos localmente, mas cuja cobertura da câmara é talhada em granito.

No que se refere ao megalitismo não funerário conhecem-se no distrito de Portalegre doze menires isolados e dois conjuntos de menires. A saber: Meada, Carvalhal e Chão Salgado, no concelho de Castelo de Vide; Corregedor, Pombais e Água da Cuba, em Marvão; Saragonheiros e Patalou, em Nisa; Casa Nova, no Crato; Sete e Carrilha, em Monforte; Reguengo, em Arronches; o da Bocada da Praça, em Campo Maior; os menires do Alminho, em Ponte de Sôr e os do Vale de Sobral, em Nisa. Dos doze menires isolados quatro, conjuntamente com o da Porra del Burro, este já em território espanhol, parecem constituir-se como um alinhamento, só que afastados entre si, em média, cerca de 2,5 km. Implantados na zona de contacto entre os xistos e o granito fecham a Norte o limite dos dólmenes de granito dos concelhos de Marvão, Castelo de Vide e Valência de Alcântara. Os outros menires enquadram-se nos contextos das sepulturas megalíticas conhecidas.

Sobrepondo o seu posicionamento sobre a carta de solos e se exceptuarmos os que se encontram deslocados ( Reguengo, Carrilha e Bocada da Praça ) verificamos que todos os outros se encontram implantados em solos de classe C. Parece, então que os responsáveis pelo talhe, ou levantamento destes monólitos, procuraram o mesmo tipo de solos que os construtores de dólmenes de médias e grandes dimensões. Se considerarmos a mesma leitura sócio-económica que aplicámos para os construtores dos dólmenes de maiores dimensões e se não tivermos em conta os eventuais desfasamentos cronológicos que possam ter existido, somos levados a afirmar que os levantadores de menires provinham de comunidades agrícolas. Esta leitura parece confirmar-se quando observamos as cerca de vinte toneladas do Menir da Meada, ou as dez do Menir do Carvalhal. Na verdade só comunidades sedentárias, organizadas e com excedentes suficientes poderiam reunir o número de homens necessários para talharem, transportarem e erguerem volumes de pedra com este peso e envergadura.

## **Em conclusão**

Se as nossas interpretações, acima demonstradas, estiverem certas não nos parece despropositado aventar a hipótese de considerarmos que os construtores de megálitos do território norte-alentejano foram, igualmente, os responsáveis pela maioria da arte rupestre conhecida nesta região. Os abrigos pintados da Esperança, no concelho de Arronches, localizam-se no limite megalítico da Serra de S.Mamede. A escassos mil metros de distância identificam-se, pelo menos, duas antas, as da Nave Fria. A temática expressa nestas pinturas enquadra-se perfeitamente no ambiente das primeiras comunidades camponesas, onde a pastorícia tem já um papel fundamental na economia. Estilisticamente existe grande proximidade entre a representação zoomórfica da Anta da Tapada de Matos, em Castelo de Vide e as representações de animais pintadas nos abrigos da Esperança. Aspectos do grafismo geométrico que se reconhece nestes abrigos encontramos-os, igualmente, gravados em elementos estruturais de dólmenes e menires e nalguns ídolos-placa.

Em Alter do Chão, em terras da Coudelaria, um habitat, um dólmen e um pequeno recinto natural onde se identificam representações astrais, covinhas e algumas figuras filiformes e que depois de escavado forneceu elementos de mó, percutores e fragmentos de cerâmica semelhantes aos identificados no dólmen e no habitat não deixam margem para dúvidas para a contemporaneidade destes três arqueossítios e que, para além do mais, não se distanciam entre si mais de uma centena de metros. No que se reporta à arte rupestre do vale do Tejo verificamos que os mais evidentes testemunhos pré-históricos que a envolvem são a mais de uma centena de pequenos e médios dólmenes localizados

nas linhas de cumeeira de ambas as margens que bordejam o grande rio e os seus tributários. A forte concentração de necrópoles megalíticas nas imediações das rochas gravadas e a ausência quase total de significativos testemunhos de outros tempos pré-históricos, assim como, a presença de expressões gráficas, obtidas por técnicas idênticas nalguns esteios destes dólmenes parecem indicar que os artistas do Vale do Tejo se encontram tumulados nas sepulturas megalíticas que ladeiam o grande rio. Se aceitarmos como certo, como temos vindo a escrever, que a base económica dos construtores destes sepulcros assentaria, maioritariamente, na pastorícia e na caça e se reconhecermos que a temática dominante dos painéis gravados comporta mensagens relacionáveis com este tipo de economia, parecem não restar dúvidas que a fase mais importante da arte do Vale do Tejo terá uma relação estreita com os construtores de megálitos desta região.

Pelo acima exposto e considerando a longa duração das manifestações megalíticas funerárias nesta região, poderemos afirmar que, tanto a arte pintada da Esperança, como a fase inicial e média da arte gravada do Vale do Tejo poderão ser consideradas como outra das multifacetadas expressões rituais megalíticas, a par da construção de dólmenes, erecção de menires e de toda a panóplia de artefactos simbólicos exclusivos do mundo espiritual das primeiras comunidades de pastores e agricultores.

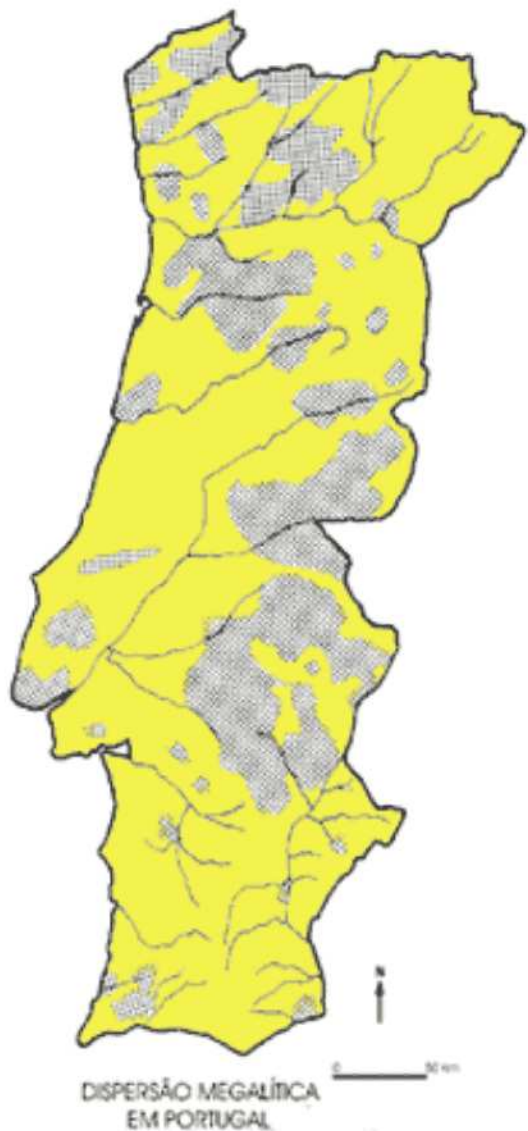


Fig. 1 - Mapa de Portugal Megalítico

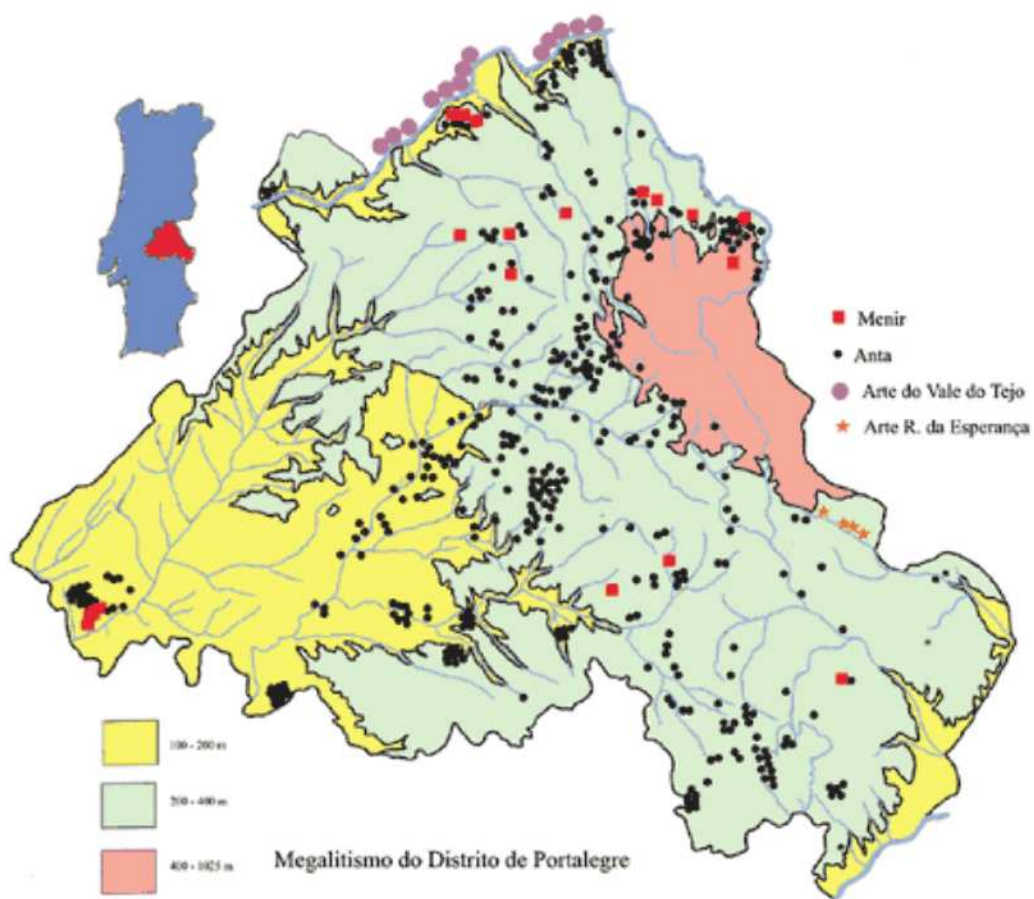


Fig. 2 - Mapa do Megalitismo e Arte Rupestre no Distrito de Portalegre - Carta Altimétrica



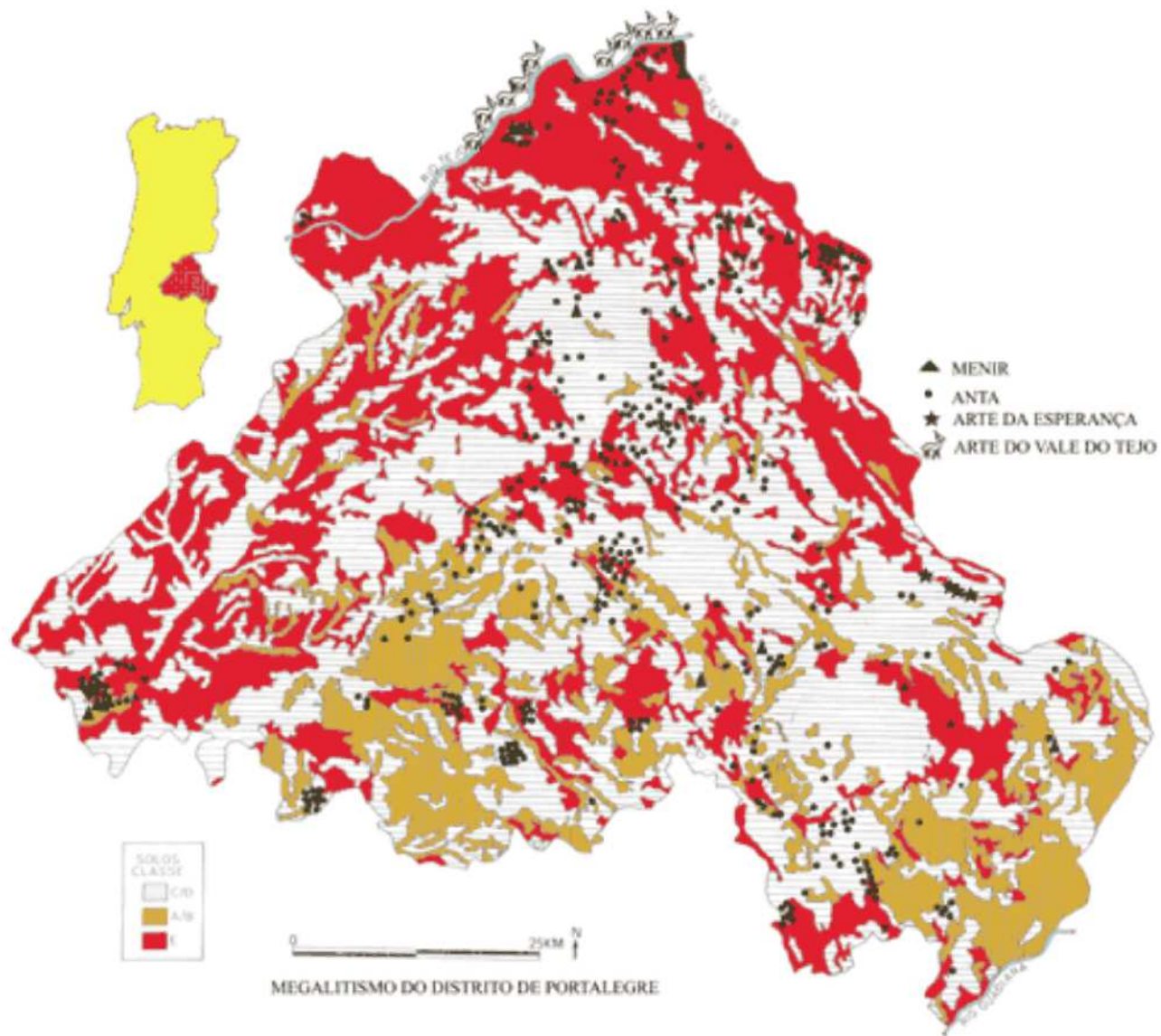


Fig. 3 - Mapa do Megalitismo e Arte Rupestre no Distrito de Portalegre - Carta de Solos



Fig. 4 - Megalitismo e Arte Rupestre no corte altimétrico da Serra de S. Mamede



Fig. 5 - Foto da Anta da Melriça - Castelo de Vide



Fig. 6 - Foto da Anta de S. Gens 1 - Nisa

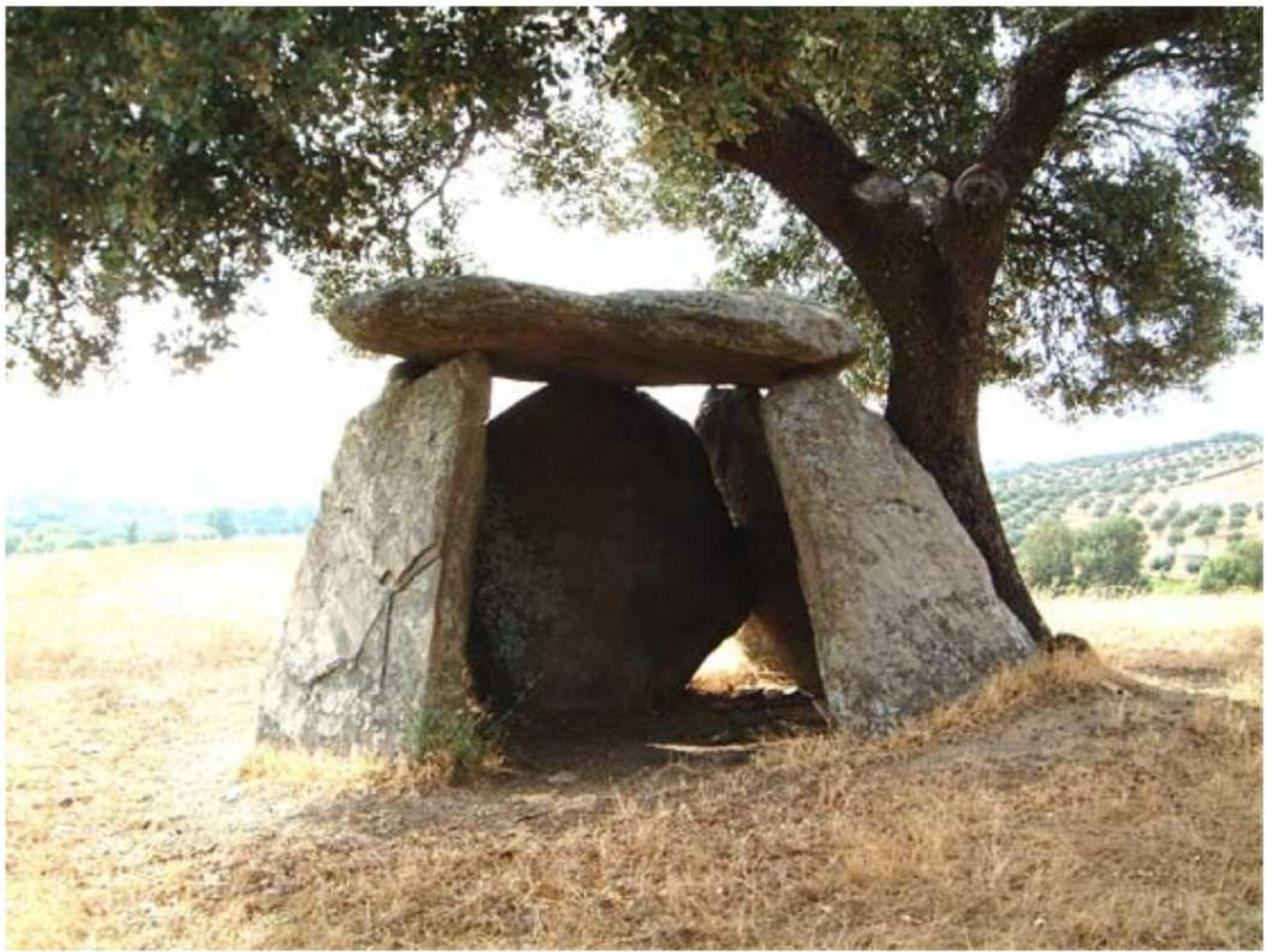


Fig. 7 - Foto da Anta do Crato



Fig. 8 - Foto da Anta do Vale d'Anta - Crato



Fig. 9 - Foto da Anta da Nave Fria 1 - Arronches



Fig. 10 - Foto da Anta da Nave Fria 2 - Arronches



Fig. 11 - Foto do Menir da Meada - Castelo de Vide



Fig. 12 - Foto do Menir dos Sete - Monforte



Fig. 13 - Foto do Abrigo Pinho Monteiro - Arronches



Fig. 14 - Foto do Abrigo dos Gaivões - Arronches

Lapa dos Gaivões - Esperança  
1º painel exterior lado Este

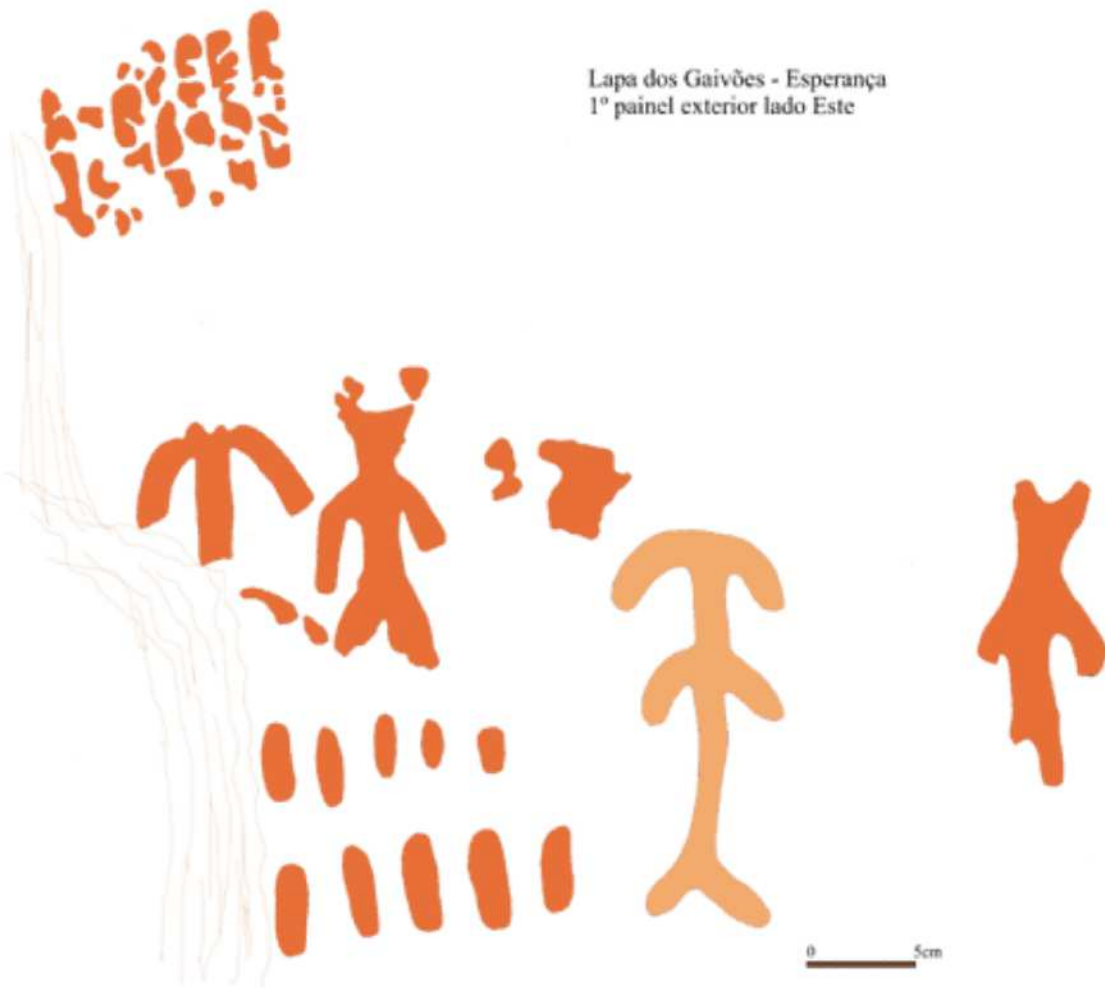
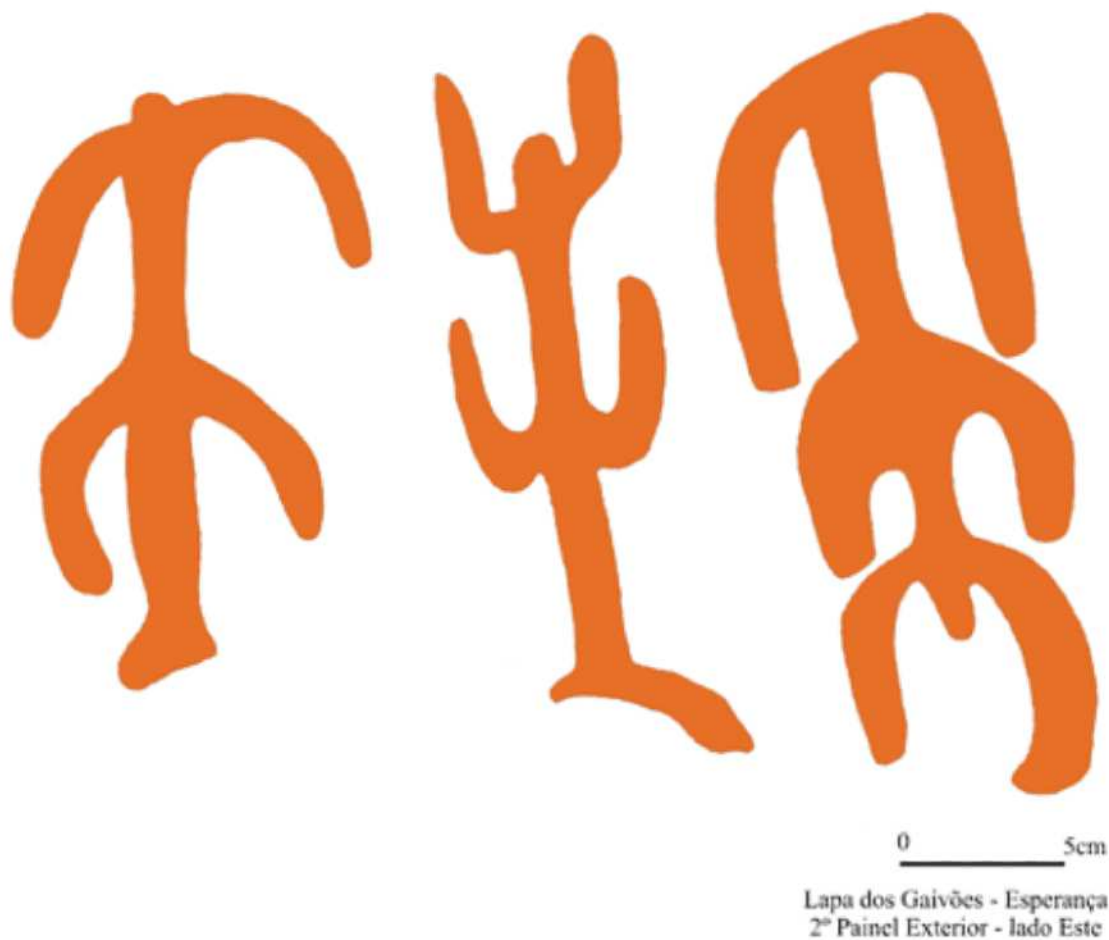


Fig. 15 - Decalque do 1º painel exterior - Abrigo dos Gaivões



Lapa dos Gaivões - Esperança  
2º Painel Exterior - lado Este

Fig. 16 - Decalque do 2º painel exterior - Abrigo dos Gaivões



Fig. 17 - Decalque do 3º painel exterior - Abrigo dos Gaivões

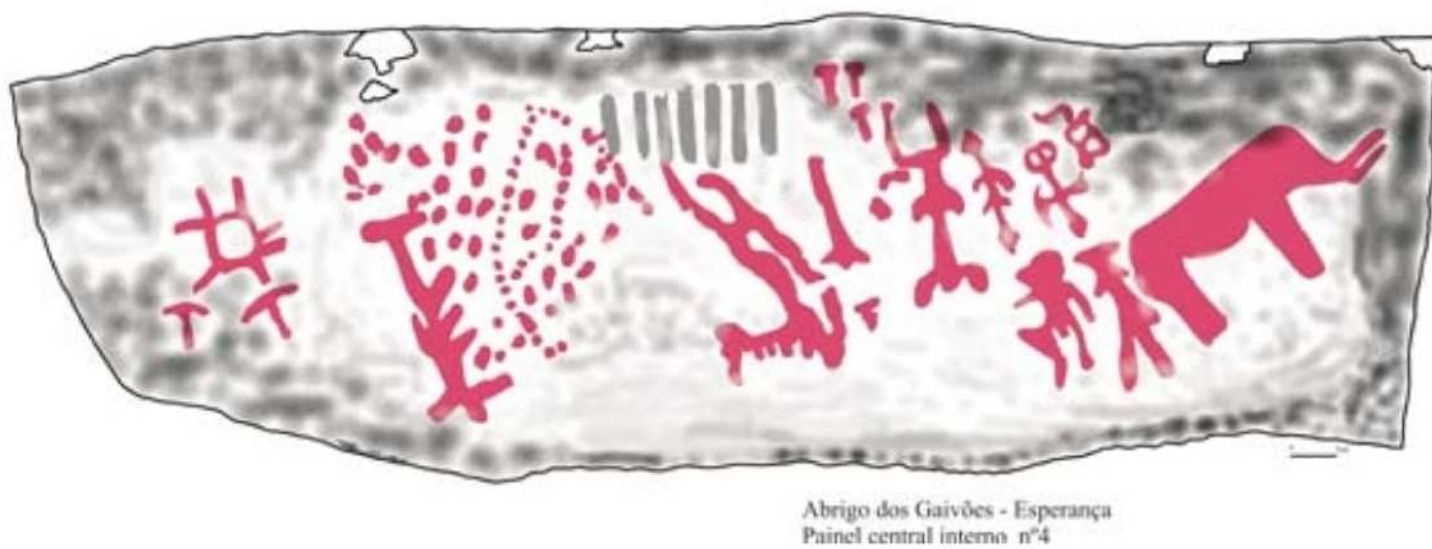


Fig. 18 - Decalque do 4º painel central interior - Abrigo dos Gaivões





0 5cm

Lapa dos Gaivões - Esperança  
extremo Oeste - interno Nº5

Fig. 19 - Decalque do 5º painel interior  
- Abrigo dos Gaivões

Abrigo dos Gaivões - Esperança  
Painel externo - Oeste Nº8

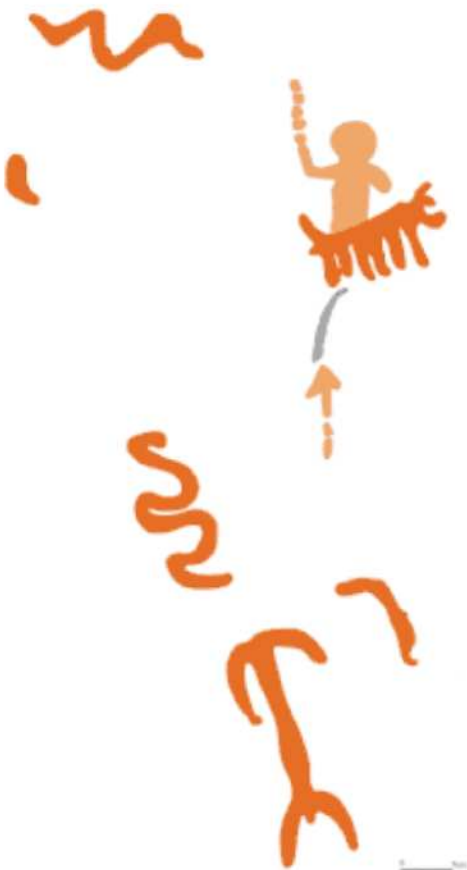


Fig. 20 - Decalque do 8º painel exterior  
- Abrigo dos Gaivões



Lapa dos Gaivões - Esperança  
Painel central do tecto N°9

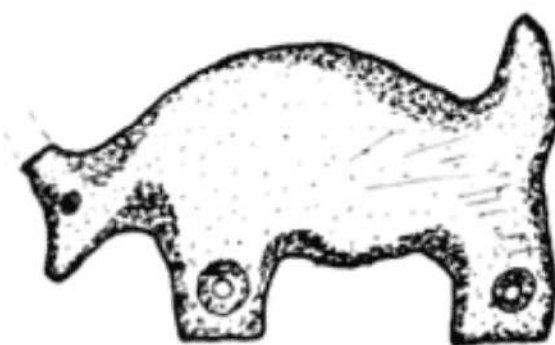


Fig. 21 - Decalque do 9º painel interior tecto - Abrigo dos Gaivões

Abrigo dos Gaivões - Esperança  
Painel de tecto - Oeste N°10



Fig. 22 - Decalque do 10º painel interior tecto - Abrigo dos Gaivões



Estatueta zoomorfica - Anta da Tapada de Matos  
Castelo de Vide

Fig. 23 - Estatueta zoomorfica da Anta da Tapada de Matos - Castelo de Vide

## Bibliografia

- AGUIAR, J. MONTEIRO (1940) - O Menhir de Luzim (Penafiel). Congresso do Mundo Português, Memória e comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História, vol. I.
- BASSO, JÚLIO (1911) - Antas nos concelhos do Crato, Nisa e Castelo de Vide, O Archeólogo Português. Lisboa, vol. 1.
- BARATA, J. PEDRO MARTINS (1965) - O Menir da Meada, Ethnos. Lisboa, 4.
- CANINAS, J.C. PIRES e HENRIQUES, F.J. (1985) - Testemunhos do Neolítico e do Calcolítico no Concelho de Nisa. Actas das Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano. Portalegre: Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide.
- CANINAS, J.C. PIRES e HENRIQUES, F.J. (1987) - Megalitismo de Vila Velha de Ródão e Nisa, in Arqueologia no Vale do Tejo. Lisboa: I.P.P.C.
- CARBALLO, GONZALO MUÑOZ (1983) - Menhires de Valencia de Alcantara, Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología. Madrid, nº17, Junio.
- COSTA, F.A. PEREIRA da (1868) - Monumentos Prehistoricos - Descrição de alguns Dolmens ou Antas de Portugal. Typ. da Acad. Real das Ciências.
- DIAS, ANA CARVALHO e OLIVEIRA, JORGE MANUEL, (1981) - Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão. , Portalegre: Assembleia Distrital de Portalegre.
- DIEGUEZ LUENGO, ELIAS (1965) - Nuevas Aportaciones a la prehistoria de Extremadura. Zephyrvs. Salamanca: Universidad de Salamanca, XVI.
- DIEGUEZ LUENGO, ELIAS (1976) - Los Dolmenes de Valencia de Alcántara. V Congreso de Estudios Extremeños. Badajoz.
- GONÇALVES, J. PIRES (1970) - Menires de Monsaraz. Arqueologia e História, 9ª série, Vol II.
- MARTINS, A.; DEUS, M.; BOTO, M.F.; VALENTE, M.J.; ANTUNES, M.; FERNANDES, R. (1999) - Carta Arqueológica de Ponte de Sor. Ponte de Sor: Câmara Municipal de Ponte de Sor.
- HENRIQUES, F.J.R. e CANINAS, J.C.P. (1980) - Contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa. Vila Velha de Ródão: N.R.I.A.
- HENRIQUES, F.J.R. e CANINAS, J.C.P. (1986) - Nova contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa. Vila Velha de Ródão: N.R.I.A..
- LEISNER, GEORGE e VERA (1943) - Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Suden, Walter de Gruyter, Berlin.
- LEISNER, GEORGE e VERA (1956) - Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel Der Westen (1), Walther de Gruyter, Berlin.
- LEISNER, GEORGE e VERA (1959) - Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel Der Westen (2), Walther de Gruyter, Berlin.
- LEISNER, GEORGE e VERA (1965) - Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel Der Westen (3), Walter de Gruyter, Berlin.
- MONTEIRO, J. PINHO, e GOMES, MÁRIO VARELA (1977) - Os Menires da Charneca do Vale do Sobral - Nisa. Revista de Guimarães. Guimarães, LXXXVII.
- OLIVEIRA, JORGE (1985) - O Menhir da Água da Cuba - Marvão. Actas das 1as Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano. Vide, Portalegre: Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide.
- OLIVEIRA, JORGE (1986) - A Estela Decorada da Tapada da Moita. Câmara Municipal de Castelo de Vide.
- OLIVEIRA, JORGE (1990) - Aspectos do Megalitismo no Nordeste Alentejano in Actas do Iº Encontro Regional de História. Évora: Universidade de Évora.
- OLIVEIRA, JORGE (1993) - Conservação de Monumentos Megalíticos - Aspectos de uma problemática. Correio da Natureza. Lisboa: Serviço de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, nº 17.
- OLIVEIRA, JORGE (1993) - O Rio Sever e as Fronteiras no 3º Milénio A.C. Actas do Seminário Cooperação e Desenvolvimento Transfronteiriço. C. M. de Vila Velha de Ródão.
- OLIVEIRA, JORGE (1995) - A Recuperação do Menir da Meada - Castelo de Vide. Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão, nº5.

OLIVEIRA, JORGE (1996)- Inventário dos Vestígios Arqueológicos do Parque Natural da Serra de S. Mamede. Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão, n6, (em colaboração com António Bairinhas e Carmen Balesteros).

OLIVEIRA, JORGE (1998) - Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever. Lisboa: Ed. Colibri.

RODRIGUES, M. da C. MONTEIRO (1975) - Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide. Lisboa.: Assembleia Distrital de Portalegre.

ZBYSZEWSKI, G., CARVALHOSA, A.B. (1974) - Nota Explicativa da Carta Geológica de Montargil nº31 D. Serviços Geológicos de Portugal.